

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2008

- Lançamento de vários livros e algumas revistas sobre o P. António Vieira.
- Declamação de um dos Sermões do Mandato na Igreja de S. Roque, por Luís Miguel Cintra.
- Exposição bibliográfica Padre António Vieira na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Exposição ‘Lisboa do séc. XVII. Imagens e textos nos quatrocentos anos do nascimento do P. António Vieira’. Exposição iconográfica do Gabinete de Estudos Olisiponenses, da Câmara Municipal de Lisboa no Palácio do Beau Séjour.

O Congresso foi ainda ocasião para a assinatura do protocolo REIPAV (Rede de Estudos Internacional Padre António Vieira). Este protocolo visa instituir uma rede de Universidades no domínio da investigação científica em torno da obra, vida e época do Padre António Vieira. Para já, esta rede conta com duas Universidades portuguesas (Universidade Católica Portuguesa e Universidade de Lisboa), quatro Universidades brasileiras (Universidade da Amazônia, Universidade de São Paulo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Pará) e uma Universidade italiana (Universidade de Roma La Sapienza). Espera-se que esta rede venha a alargar-se outras Universidades, especialmente de países lusófonos.

CARLOTA MIRANDA URBANO

UMA VISITA A ADRIANO: O IMPÉRIO E O CONFLITO

A exposição do *British Museum* sobre o imperador romano Adriano, que durou de 24 de Julho a 26 de Outubro de 2008, teve como título *Adriano: o Império e o Conflito*, no sentido de dar significado a três conceitos-chave: vida, amor e herança. O imperador Adriano (nascido em 76 d.C., e com um principado de 117 a 138 d.C.) é apresentado como um transformador do Império Romano, deixando atrás de si um legado duradouro. Governou um vasto território que se estendia desde o actual Reino Unido ao Norte de África, e desde Espanha ao Próximo Oriente.

Até à data desta exposição, no mundo britânico, Adriano era essencialmente conhecido pela sua muralha construída no actual Norte inglês,

que separava os Romanos dos Bárbaros. Um dos objectivos da exibição foi trazer à luz do conhecimento um novo Adriano, tornando possível que temas sobre a sua vida privada e política se tornassem conversas e debates quotidianos. Podemos identificar nesta exposição cinco etapas ou fases. Uma primeira é referente à criação de uma nova elite, pois, apesar de ter nascido em Roma, Adriano vinha de uma família da elite romana provincial, da Hispânia. Nesta fase é explicado no que consistiu a dinastia adoptiva dos Antoninos. Outro dos tópicos expositivos é *Guerra e Paz*, com a definição do momento em que Adriano tomou o poder, angariando um império embebido em confusão, lutas e revoltas. Com este caos governativo, Adriano reordenou as fronteiras do império e reprimiu a sangue e fogo toda a dissensão interna. Outra das fases da exposição consiste na arquitectura, visto que o próprio Adriano era um apaixonado por esta área. Imponentes, surgem ao longo da exibição as maquetas do Panteão de Roma, reconstruído por este imperador, e da *uilla* de Tivoli.

A exposição mostra que pouco se sabe sobre a sua esposa Sabina. Ainda assim, foram expostas algumas peças sobre a *Augusta*. Por outro lado, uma grande parte da exibição é dedicada a Antínoo, o jovem amante grego de Adriano. A quinta e última fase da exposição é relativa à sucessão, pois, antes da sua morte a 10 de Julho de 138 d.C., Adriano assegurou a transição do poder para os herdeiros que tinha escolhido, marcando este gesto político com a construção de um Mausoléu, no centro de Roma, igualmente posto em evidência na exposição.

Notou-se que *Adriano: o Império e o Conflito* foi uma grande aposta do British Museum, justificando uma viagem a Londres para ver uma extraordinária colecção de escultura e de outros artefactos sobre o imperador, pela primeira vez reunidos. A Sala de Leitura, com uma enorme cúpula que se ergue acima de quem a visita, é um excelente local para ilustrar e demonstrar o legado de Adriano, reflectindo a importância que o «seu» panteão teve na História da arquitectura europeia.

Uma colossal cabeça de mármore impõe-se logo na entrada da exposição. Esta peça foi descoberta na Turquia no ano passado, acabando por ser identificada como Adriano, pelas rugas profundas que apresenta junto aos lóbulos das orelhas. Essa era uma das idiossincrasias físicas do imperador referidas nas fontes, e que os investigadores reconhecem como um sintoma de problemas cardíacos. Esta é uma peça que se destaca de toda a exposição, dada a impressionante beleza da cabeça gigante. Nela é notório, aliás, o realismo, sendo que não houve lugar para uma idealização. Podemos ver a

face esculpida de um homem com uma postura nobre e solene, uma justa representação de um governante que Maquiavel não deixou de classificar como o terceiro dos cinco melhores imperadores. A esta peça extraordinária falta o seu nariz aquilino. Mas ficou uma elegância e uma barba encaracolada que o identifica como um amante da estética e da cultura helénica, como um criador de modas que se destaca dos seus predecessores de barba rapada. Com este exemplo, podemos confirmar a qualidade do tesouro arqueológico presente na exibição, que é igualmente o resultado do empréstimo de peças de supremo trabalho artístico da arte Romana vindos dos museus Capitolinos, do Vaticano, do Louvre, além de outros novos achados arqueológicos.

Se o primeiro-ministro britânico Gordon Brown ou o recém-eleito presidente dos Estados Unidos da América Barack Obama tomassem em atenção esta exposição do *British Museum* poderiam encontrar semelhanças desconfortáveis com um dos grandes imperadores de Roma. Ao nível político e bélico, as zonas de conflito mais retratadas têm pontos comuns com as contemporâneas: os Balcãs, o Cáucaso, a Mesopotâmia e a Judeia/Palestina. Como muitos governantes do nosso mundo, Adriano foi historiograficamente descrito como austero e generoso, digno e divertido, dilatário e rápido a agir, avarento e generoso, traiçoeiro e honesto, cruel e misericordioso, e sempre inconstante em todas as coisas. Tudo na mesma pessoa. Outro aspecto que se destaca é o facto de os mentores da exibição terem apresentado vários artefactos inéditos, bem como as múltiplas e contraditórias teorias que sugerem várias interpretações.

A organização da exposição segue o eixo cronológico. A mesma começa com os pormenores do nascimento de Adriano, no seio de uma família rica de mercadores de azeite da actual Espanha, e acaba com a sua morte, aos 62 anos. Um expositor tinha a função de demonstrar a importância que o azeite tinha para o império, estando exposta uma ânfora gravada com as marcas da sua proveniência. Destacava-se ainda uma pequena taça de metal, cerimonialmente decorada, na qual se vêem ainda as cores originais. Este era um tipo de objecto que era dado aos legionários, quando estes se retiravam das suas funções. Através destes objectos podemos compreender o mundo dos magnatas comerciantes de azeite, tal como a vida dos assentadores de tijolos e dos festeiros dionisíacos, ou seja, as realidades fecundas do Império Romano, que não são apagadas nesta exposição, apesar da figura imponente do próprio imperador.

A exposição colocou ainda em evidência alguns pontos-chave da Roma Antiga do tempo de Adriano, tais como as petições que se tornaram habituais

no seu principado ou uma antiga cópia de escriba de um fragmento de uma suposta autobiografia de Adriano, que sobreviveu até aos nossos dias. Foi precisamente esse fragmento que veio a dar origem às famosas *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar.

A ênfase expositiva, contudo, é dada à história da vida do próprio Adriano, fazendo com que o visitante fique cada vez mais familiar e íntimo com homem que, à sua frente, envelhece gradualmente através das representações com que vai deparando.

A política doméstica e externa de Adriano é consideravelmente provocante à luz dos nossos dias. Colocou duros freios à expansão romana, cariz específico do seu antecessor Trajano, retirando as tropas da região que é agora o Iraque; e consolidou o seu império através da supressão cruel das rebeliões judaicas no Próximo Oriente. Além disso, introduziu também cortes nos impostos e promoveu um período de construções em Roma (as obras públicas são sempre solução em muitas situações). Por outro lado, gastou metade do seu principado a viajar pelos limites do império, estabelecendo a sua popularidade fora da capital. Adriano lutou também contra os receios de uma crise económica. Não tendo acesso a conferências de imprensa modernas e a canais noticiosos 24 horas por dia, Adriano criou literalmente uma propaganda de apaziguamento para o seu povo, na forma, por exemplo, de moedas gravadas com o *slogan* «Estabilidade». Ainda mais significativa, porém, foi a renúncia ao pagamento das dívidas do Estado, facto ilustrado na exposição através de frisos que mostram soldados queimando os registos oficiais e monetários referentes aos cidadãos. Ao contrário da maior parte dos chefes modernos, ou da maior parte dos seus contemporâneos, a ascensão de Adriano foi rápida: nascido em 76 d.C., tornou-se imperador em 117 d.C. E terminou a sua função após um período de aproximadamente 20 anos. Antes da sua morte em 138 d.C., Adriano não só construiu um grande túmulo para si mesmo, como também preparou uma transição de poder segura e discreta, adoptando não só um filho, mas dois, que viriam a ser os próximos príncipes de Roma: Marco Aurélio e Lúcio Vero.

A escultura de mármore do amante de Adriano, o belo, ideal e jovem Antínoo, é uma das mais bonitas da exposição. Para espanto e surpresa de alguns visitantes, é a paixão irreduzível que o imperador tinha pelo jovem grego é exposta de uma forma clara e inequívoca. Antínoo morreu no Egipto, quando acompanhava Adriano numa das suas viagens pelo império. Conta-se que o imperador ficou tão destroçado que declarou o seu jovem amante deus e construiu uma cidade em sua honra. Esta cidade foi construída perto do

local onde Antínoo se afogou. Terá ele sido assassinado por colaboradores de Adriano, dada uma eventual nefasta influência sobre o imperador? Ou ter-se-á mesmo suicidado, por entender que não podia revelar todo o seu amor por Adriano, ou por compreender que a sua presença em torno do imperador era maligna para a sua carreira política? O certo é que Antínoo originou um culto idêntico a Osíris, que resultou em imagens, esculturas e bustos por todo o império, registados nesta exposição, onde o tema da homossexualidade no mundo Antigo é explicado de uma forma contextualizada.

Um fantástico fauno de mármore da *uilla* de Adriano em Tivoli dá outra imagem da sensualidade da vida romana. Mas o elemento que mais valoriza esta questão é a importância dada ao amante de Adriano, Antínoo, esculpido de variadas formas, como deus e como herói. A escultura foi a forma que Adriano encontrou para chorar a morte do seu companheiro. Este chegou mesmo a ser incluindo num vaso de cariz erótico, como divindade báquica.

Outra novidade desta exposição são as cartas do líder judaico da rebelião contra Adriano, Simão Bar Kokhba, bem como um fragmento de papiro, da autoria do poeta Alexandrino Pânkrates, no qual está descrita uma celebração de uma caçada de leão, e onde Adriano deliberadamente falha o alvo, no sentido de testar a total segurança que tinha na pontaria do seu amado Antínoo.

Ainda assim, teria sido útil mais informação e artefactos sobre a vida quotidiana durante o principado de Adriano, sobretudo como forma de explicar os limites da sua estabilidade, a resistência contra as invasões bárbaras, e como meio de iluminar o cenário obscuro das relações sugeridas entre Roma e os impérios-irmãos da China e da Índia.

Há ainda um pouco de intriga e debate em torno de uma estátua de Adriano, em que este veste roupas tipicamente gregas, dado que, após algumas pesquisas recentes, percebeu-se que a cabeça tinha sido erradamente colocada num outro corpo, durante a época Vitoriana.

A arte romana tem sido uma parente pobre na História de Arte Antiga desde o século XVIII. Durante o Renascimento, quando a cultura europeia exaltava a herança clássica da Antiguidade, poucos se preocupavam com a probabilidade de as estátuas encontradas serem gregas ou romanas. Interessava sobretudo a beleza, a mensagem e o legado. Desde que os especialistas começaram a identificar períodos e estilos, tornou-se convencional ver a arte romana como uma simples imitação dos antigos originais gregos. Esta exposição comprova o erro dessa convenção e derruba

o lugar-comum. Mostra, por outro lado, que a arte romana está repleta de humanidade, carácter e vida. Os retratos do jovem imperador Adriano com grandes patilhas são o primeiro elemento artístico que surge na exposição (antes da sua barba crescer e tornar-se um estilo próprio). Mas muitos outros retratos enchem a exposição, permitindo-nos fazer a comparação profícua entre eles, com a finalidade de vislumbrar o homem por detrás da pedra. Salientamos ainda uma figura de bronze de Adriano armado, proveniente de Israel, que abre outro sector da exposição, o que trata das relíquias das revoltas judaicas, momento em que o exército de Adriano foi derrotado. O imperador exhibe uma cena de batalha violenta gravada na sua armadura, ao mesmo tempo que se vêem chaves de porta com figuras de judeus refugiados, qual símbolo do iminente regresso a casa. Os ecos modernos são arrepiantes.

Esta exibição sobre Adriano não seguiu a tendência de colocar demasiada informação para o visitante. Em vez disso, apresentou maquetas, cópias e textos retirados das fontes antigas, designadamente da *Historia Augusta* e de Dión Cássio, nas paredes de cada secção.

A exposição do *British Museum* constituiu uma oportunidade única de ver importantes objectos artísticos relacionados com Adriano. Nela, percebemos que Adriano foi um imperador bem sucedido e que deixou um legado vasto e duradouro, ainda desconhecido de muitos. Esta exposição proporcionou uma reavaliação do carácter, vida, amor e herança de Adriano. *O governante que mudou a História* foi uma das frases sensacionalistas projectadas na exposição. A Sala de Leitura, em si mesma idêntica ao Panteão de Adriano, com um envolvimento obscuro, permitiu um aproveitamento do espaço e proporcionou uma viagem fascinante à vida do imperador.

SÉRGIO LOUROSA ALVES